

RELATÓRIO DE GESTÃO



Maio | 2020

Comentários

Após um abril de valorizações pelos mercados, maio teve o mesmo comportamento, especialmente pela tendência de menos casos do COVID-19 nas principais economias. O movimento de reabertura foi ampliado, inclusive nos países mais atingidos, com poucas evidências de novos picos de contágio, inferência que sustenta a valorização dos ativos de risco. Tais sinais apontam para tentativa de mensuração dos impactos econômicos futuros, com menores preocupações de liquidez imediata nos mercados.

No contexto internacional, as bolsas concentraram fortes retornos. O relaxamento das medidas de quarentena já traz resultados positivos na atividade, especialmente em países Europeus e na China, sem grandes sinais de reversão na tendência de maior circulação. Somada a edificação de pacotes fiscais crescentes, o fluxo comprador foi para bolsa. O movimento de retorno de demanda foi visto também nas commodities, com recuperação expressiva do petróleo ao longo do mês e nova corrida nos preços de minério de ferro.

Entretanto, para o próximo mês o espectro de riscos apresenta novos pontos. A escalada de violência nos EUA, após uma série de protestos, alerta para riscos sociais da maior economia global, em meio ao problema sanitário. A relação de Trump com a China também preocupa, na medida que são constantes as mensagens endereçadas à Pequim culpando-os pela pandemia. Tal ponto trouxe à tona discussões sobre o acordo comercial entre os países, que devem se estender pelos próximos meses. A soberania de Hong Kong também pode fornecer ruído entre as nações.

A agenda deve focar sua atenção para a evolução de novos casos, na busca por um equilíbrio ainda desconhecido entre abertura econômica e a redução do contágio da COVID-19. Até que se encontre uma solução farmacêutica definitiva, tal movimento deve ocorrer por todo o mundo, de forma empírica. Outrossim, as pesquisas apresentam avanços em diversas linhas, com evoluções no estudo de possíveis vacinas, antivirais e testes.

Comentários

No campo doméstico, tivemos um mês de grande instabilidade, refletido principalmente no câmbio. Os conflitos políticos iniciados em abril ampliaram-se, especialmente na expectativa pelas imagens da reunião ministerial citava pelo anterior líder do Ministério da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro. Eventuais atritos entre os membros das três esferas do poder se sucederam, arrefecendo com o passar do tempo. Os entes federados passaram a convergir marginalmente no trato da doença, com diversos estados estruturando planos de reabertura. A maior âncora institucional permitiu forte recuperação do Real, além dos demais ativos de risco, especialmente a bolsa.

Quanto ao portfólio, seguimos atentos na pandemia, aqui e mundialmente, além dos reflexos econômicos e financeiros. Algumas sinalizações já emergem, como o comunicado do Banco Central que reduziu mais uma vez a SELIC, apontando para taxas de juros ainda mais baixas. A conjuntura aponta para bolsa como melhor relação de risco e retorno, porém pairam dúvidas acerca da condução fiscal e se ocorrerá desvio da trajetória construtiva vista no início do ano. Apesar do pacote de contenção de gastos com pessoal aprovado no Congresso, a sinergia entre os poderes Legislativo e Executivo é, cada vez mais, fundamental para a caminhada. A história segue sendo escrita, com diversos fatores na conta, ainda mais para Brasil. Tal momento sugere cautela na condução dos investimentos, por isso mantemos ativos diversificados em carteira, com o foco na preservação de capital.